

A Autobiografia Negra Feminina: O Caso Maya Angelou¹

Cláudia Maria Fernandes Corrêa (Mestranda USP)

A literatura se presta ao papel de mediadora da realidade, propiciando uma visão alternativa para fatos que somente são conhecidos pela versão fornecida pelo centro, ou seja, fornecida pelo poder hegemônico. Nesse sentido e remando contra essas tendências, a literatura foi tomada por esse povo, num primeiro momento, como instrumento de reversão dessas ações e discursos que circulam nas diversas esferas de poder, numa tentativa de desestabilizar essa visão clássica — e errônea —, acerca de quem é esse povo; num segundo momento, a literatura negra reivindica um lugar para os negros como participantes ativos da construção da sociedade americana e, num terceiro momento, como forma de (re)construir sua identidade.

Pode-se afirmar que a literatura afro-americana teve seu início com as narrativas de escravos que foram usadas como arma pelo movimento abolicionista. Essa literatura também serviu como forma de exorcizar os horrores da escravidão por aqueles que a vivenciaram de perto. Como nos lembra Butterfield (1974, p.1) “The genre of autobiography [...] is a dialect between what you wish to become and what society has determined that you are [...] .the autobiographer examines, interprets, and creates the importance of his life. He may also affect history by leaving the work behind as a model for other lives”. A autobiografia negra é uma tentativa de exibir aos brancos aquilo que eles fizeram aos negros e como os africanos e afro-americanos divisaram modos de superar a exploração, a opressão, a humilhação, sobrevivendo a todas essas intempéries.

McPherson (1998, p.3) sintetiza esse pensamento da seguinte forma “Autobiography has been one of the major forum Blacks have used to share their views, to leave a record of their struggles, to inspire future generations [...] reveals a

¹ Artigo baseado em pesquisa de mestrado orientada pelo Prof. Dr. Lynn Mário Trindade Menezes de Souza (FFLCH/USP).

continuous dialogue with the highest ideals of the land in relation to the facts of individual experience [...]”.

Para os escritores das narrativas de escravos, mais importante do que libertar o corpo era resistir para que o espírito não fosse aprisionado e, principalmente, ter forças para iniciar um processo de alicerçar uma (re)construção identitária, como afirmou Mostern (1999).

Bhabha (2003) complementa essa proposição quando afirma que a literatura em geral oferece um instrumento para que as minorias tenham direito de narrar-se, de contar suas histórias de maneira a criar uma rede de histórias que pode mudar o fluxo dos acontecimentos. O direito de proteger tais narrativas, continua Bhabha (2003), permite a criação de espaços de diversidade cultural e regional. O autor cita Toni Morrison para quem a narrativa “[...] is the pre-eminent realm of human and social interest. In its inventions, narrative invests language with the ‘right’ to explore and endure, to survive and savour a complex revision in the community of meaning and being” (BHABHA, 2003, p. 179-180).

Assim sendo, as autobiografias de escritores negros — que são derivadas diretamente das narrativas de escravos —, atualizam o debate sobre “[...] como o reino da liberdade é concebido por aqueles que nunca foram livres” (GILROY, 2001, p. 150), cumprindo o papel de autocriação e auto-emancipação dos indivíduos ao apresentar o particular ao público.

Em seu conjunto, essas narrativas fornecem um retrato da brutalidade e da luta dos negros para superá-la além de serem uma forma de alicerce para uma política identitária. Assim, a autobiografia negra feminina navega na mesma corrente das primeiras narrativas de escravos tendo em seu âmago o mesmo intuito libertário.

Pode-se afirmar que a autobiografia negra tem a

“1) presença de um forte coeficiente de desterritorialização entendendo-se territórios como o conjunto de projetos e de representações dos indivíduos, desterritorialização corresponde ao sentimento de perda dessas referências; 2) [...] O caso individual é imediatamente ligado ao fato político [...] ao narrar um drama existencial [...] o autor amplifica-o, conferindo-lhe um alcance político, pois ele passa a representar a condenação não apenas daquele ato isolado, mas da sociedade que o autoriza e 3) emergência da enunciação coletiva e revolucionária. A função da literatura é interpretar a consciência coletiva e nacional e convocar uma solidariedade ativa” (BERND, 1988, p. 42).

Seguindo esse processo, a escritora afro-americana Maya Angelou nos oferece através de sua autobiografia, um retrato das estratégias de sobrevivência dos afro-americanos, em particular aquelas adotadas pela autora em sua trajetória pessoal ao testar os limites da gaiola que a aprisionam. *I Know Why the Caged Bird Sings* (1993[1970]), narra sua infância na cidade de Stamps, Arkansas. O fio condutor da narrativa é a não-aceitação de si por parte da protagonista e sua transformação rumo à (re)construção de seu “Eu”. Os temas centrais são a importância da família, a busca pela auto-suficiência, a autoconfiança, a dignidade pessoal. A vida de Angelou é permeada por humilhações, por violações físicas e morais, pela constante invisibilidade, pela baixa auto-estima e pela tentativa constante de sobreviver nesse mundo.

Damo-nos conta de que Angelou — como todos aqueles que escrevem uma autobiografia —, é uma testemunha designada para quem o fardo de testemunhar não pode ser delegado a outrem, cabendo somente a própria testemunha contar aquilo que viu e viveu.

O testemunho da vida da autora se apresenta como um ponto de fusão entre sua vida e o contexto que aqui é a própria história da segregação. O testemunho de Angelou transgride os limites do indivíduo isolado e fala de forma a interceder “[...] pelos e para os outros” (FELMAN, 2000, p. 16).

Observa-se que um dos conceitos da diáspora, o estabelecimento de limites geográficos, foi transferido à segregação racial no sul dos Estados Unidos. Se por um

[SD1] Comentário: É possível dizer isso no plural? Não seria melhor colocar itálico ou aspas? Afinal quantas vidas ela tem?

lado a diáspora levantou problemas como a territorialização, a desterritorialização e as fronteiras, esses conceitos continuaram a ser aplicados aos afro-descendentes numa tentativa de manter cada um “em seu lugar”. A cidade de Stamps, como mostra Angelou, era esquadrinhada em territórios para que os negros fossem mantidos fora e os brancos dentro da cidade. A segregação era tão acirrada que Angelou não acreditava que os brancos fossem pessoas. Para ela, as pessoas eram aquelas que viviam em seu lado da cidade. Os demais eram os “whitefolks”.

Para nosso estudo, dividimos a obra *I Know Why the Caged Bird Sings* (1970) em quatro episódios, tendo como fio condutor da narrativa a busca pelo “Eu”. Num primeiro momento, temos o caminho da paixão. Desde pequena, Angelou tem consciência de estar deslocada em seu meio. Mesmo possuindo exemplos fortes como sua mãe, Vivian Baxter e sua avó paterna, Annie Henderson com quem viveu em Stamps, ela se sente invisível. Seus sentimentos são conflitantes: raiva, menosprezo, baixa auto-estima e o constante desejo de ser aceita pelos outros e por si mesma; num segundo momento, temos a morte da “menina Angelou” que ocorre quando ela e o irmão são levados pelo pai, Bailey Sr., para viver com a mãe em Saint Louis. Lá, ela é violentada aos oito anos de idade pelo padrasto, Mr. Freeman, por quem ela sentia grande afeição; num terceiro momento, o luto que ocorre quando ela pára de falar voluntariamente, após haver mentido no julgamento de seu agressor, Mr. Freeman. Após o julgamento, ele é assassinado. Por crer que suas palavras haviam causado a morte dele, ela passa quase cinco anos em silêncio, conversando apenas com seu irmão; e o quarto momento, a ressurreição, quando ela encontra Mrs. Flowers, a aristocrata negra de Stamps que a introduz no mundo da literatura, propiciando a Angelou a descoberta de seu potencial, iniciando sua jornada rumo a auto-aceitação.

No primeiro episódio, que denominamos paixão, temos a viagem de Angelou e seu irmão mais velho, Bailey Jr. da Califórnia à cidade de Stamps, Arkansas. Após o divórcio de seus pais, os dois irmãos vão viver com a avó paterna Annie Henderson e seu tio Willie. A avó é proprietária de uma loja de suprimentos e de algumas terras onde alguns brancos moravam. Isso já a distingue dos demais negros e lhe confere certo respeito na comunidade negra de Stamps. As vidas de Angelou e seu irmão estão intimamente ligadas à igreja, aos encontros da comunidade, à loja e aos livros, graças ao incentivo da avó.

Durante os anos de solidão, a literatura foi uma das grandes companhias de Angelou. Shakespeare, segundo ela, foi seu primeiro amor e, posteriormente, também será através da literatura que Angelou iniciará seu processo de cura e (re)construção identitária.

Resistir talvez seja uma das palavras que Angelou aprendeu desde cedo com sua avó. Assim como os primeiros escritores negros, resistir significava não deixar que os brancos dominassem o espírito. O corpo estava aprisionado, mas o espírito deveria ser livre. Essa foi uma das lições que Angelou aprendeu com sua avó quando, numa ocasião, meninas brancas foram à loja de Annie Henderson, insultaram-na de todas as formas e ela nada disse. Mesmo sem compreender exatamente o significado daquele momento, Angelou sabia que uma batalha havia sido travada e sua avó havia saído vencedora.

Angelou descreve sua avó como uma mulher forte, religiosa e temente a Deus. Sua força vem de uma instância mais alta, divina. Obediência, humildade e temor, afirmava a avó, eram recompensados com as bênçãos de Deus.

A comunidade negra de Stamps era unida. Enfrentar os mesmos desafios — sobreviver aos brancos e seu ódio —, fez com que uma irmandade e cumplicidade entre

os negros fosse formada. Essa cumplicidade os mantinha unidos, formando, ousamos dizer, uma grande família. Quando um membro era atingido, todos eram atingidos também. Um dos elementos que os unia era a fé e a comida. Na época do abate dos animais criados em casa, as senhoras ajudavam a avó de Angelou a fazer lingüiça e preparar a carne dos animais abatidos; nos encontros entre as diversas comunidades da região, no pique-nique de verão, as senhoras tinham oportunidade de mostrar seus dotes culinários. Esses momentos eram uma festa de cores, aromas e sabores para a jovem Angelou.

Tais momentos de alegria contrastavam com os momentos de tristeza e luta pela sobrevivência. Era um momento em que a dureza da vida na cidade de Stamps era esquecida ainda que por algumas horas e a comunidade podia gozar de um pouco de paz. Unir para celebrar com os demais membros da comunidade qualquer ocasião festiva e mostrar os dotes culinários com receitas guardadas a sete-chaves era uma forma de recordar e preservar a memória dos ancestrais e, de certa forma, era uma estratégia de resistência fazendo com que, ainda que de forma espectral, os ancestrais africanos estavam presentes através dos ensinamentos transmitidos de geração à geração. O conflito entre brancos e negros torna-se apenas uma vaga lembrança esquecida em algum canto da memória.

Após um ano na cidade de Stamps, o pai de Angelou aparece subitamente e leva as crianças para viver com a mãe, Vivian Baxter, em Saint Louis. Essa mudança levará ao segundo momento que denominamos “morte da menina Angelou”. Lá, após um curto período com a avó materna, eles vão viver com a mãe e seu namorado, Mr. Freeman. Saint Louis era um outro país para Angelou. Tendo dificuldades para se adaptar ao meio, às vezes, Angelou era levada por sua mãe para dormir com ela e Mr. Freeman. Angelou passa a achar natural dormir com sua mãe. Mas aí começam as

intimidades entre Mr. Freeman e ela. Sendo uma criança carente, ela acredita que aquela era uma demonstração de carinho e de que ele não deixaria que nada de ruim acontecesse a ela. Contudo, ele a avisa de que se ela contasse a alguém o que houve, ele teria de matar seu irmão Bailey Jr..

Um dia, ele a avisa que aquilo que haviam feito antes era apenas uma brincadeira e que agora seria real e então ele a violenta. Angelou, sem entender completamente o que estava acontecendo, sente apenas a dor “Then there was the pain. A breaking and entering when even the senses are torn apart. The act of rape on an eight-year-old body is a matter of the needle giving because the camel can’t. The child gives, because the body can, and the mind of the violator cannot [...] (ANGELOU, 1993, p. 78)

Angelou não tem coragem de contar o ocorrido a sua mãe ou seu irmão por medo de que Mr. Freeman cumpra sua ameaça e mate-os. Ela guarda seu segredo até que seu irmão vai trocar sua roupa de cama e sua roupa íntima cai aos pés de sua mãe. Ela é levada ao hospital e, após a insistência de seu irmão, ela conta o que houve. Ele conta o ocorrido a sua avó e Mr. Freeman é preso.

Esse ponto marca a morte da menina Angelou. Toda a inocência, a esperança de ser amada por um pai, sua tentativa de dar amor é morta pelo ato brutal de Mr. Freeman. Apesar do nome de seu agressor lembrar a “liberdade”, ele acaba por aprisionar Angelou num calabouço de silêncio, culpa e dor. Dor por ter sua inocência roubada, culpa por acreditar que, se Mr. Freeman havia feito algo errado, ela havia ajudado e a dor física que a faria recordar da violência.

Durante o julgamento, quando questionada se Mr. Freeman a havia tocado outras vezes, ela mente. Mente por querer proteger Bailey, seu irmão, mente por acreditar que Mr. Freeman a amava, mente para não desapontar sua mãe e, acima disso tudo, mente

por não querer ser julgada pela comunidade “The lie lumped in my throat and I couldn’t get air. How I despised the man for making me lie. Old, mean, nasty thing. Old, black, nasty thing. The tears didn’t soothe my heart as they usually did [...]” (ANGELOU, 1993, p. 85).

Mr. Freeman é condenado a um ano e um dia de prisão, mas seu advogado consegue libertá-lo e, mais tarde, nesse mesmo dia, ele é encontrado morto. Então, Angelou sendo sua própria advogada de acusação e juíza, sentencia-se ao silêncio no terceiro episódio que denominamos luto “The only thing I could do was to stop talking to people other than Bailey [...] if I talked to anyone else that person might die too. Just my breath, carrying my words out, might poison people and they’d curl up and die [...] I had to stop talking” (ANGELOU, pp. 86-87).

A família aceita por algum tempo esse silêncio mas, depois, começa a achar que Angelou é insolente e manda-a de volta a Stamps que era o que ela precisava: de solidão para viver seu luto. Angelou refugia-se num casulo de onde não consegue divisar as cores, nomes e rostos antes familiares. O silêncio face à barbárie torna toda a realidade ao seu redor um vazio sem cor, sem forma e sem som, pois o simples ato de falar pode matar outros, matar seu irmão e, num terceiro plano, matar a protagonista. A recordação do estupro ou sua verbalização pode ferir.

O luto se estende por muito tempo até que um dia, Angelou conhece aquela que iria trazê-la de novo à vida. O quarto momento de sua trajetória, sua ressurreição, tem início com o encontro com Mrs. Bertha Flowers, a aristocrata negra de Stamps. Desse encontro, Angelou começa a (re)construir sua identidade. Mrs. Flowers traz o desabrochar das palavras em Angelou novamente ao lembrar-lhe que “Now no one can make you talk — possibly no one can. But bear in mind, language is man’s way of communicating with his fellow man [...] Words mean more than what is set down on

paper. It takes the human voice to infuse them with the shades of deeper meaning” (ANGELOU, 1993, p. 98).

Da mesma maneira que as palavras foram usadas desde o começo de sua trajetória para “aniquilar” a identidade de Angelou, agora elas são usadas como remédio para retirar Angelou de seu casulo e trazê-la de volta à vida, fazendo com que ela não aceite ser considerada menos do que ela é: uma mulher negra, parte de algo maior que é a experiência negra na América do Norte.

Um dos exemplos do quarto episódio, que denominamos ressurreição, é não aceitar ser chamada de qualquer outra coisa que não seja seu próprio nome. Quando Mrs. Cullinan, sua patroa, insiste em chamá-la por outros nomes, Angelou quebra sua louça favorita, uma amiga pergunta quem foi “[...] Was it Mary? Who did it?” (ANGELOU, 1993, p. 110) e Mrs. Cullinan acerta pela primeira vez o nome de Angelou “Her name’s Margaret, goddamn it, her name’s Margaret! [...] Mrs. Cullinan was right about one thing. My name wasn’t Mary” (ANGELOU, 1993, p. 110-111). Tal episódio pode ser tomado como a ruptura definitiva com o casulo que a aprisionava, com a memória da violência sofrida, o início do fim dos anos de silêncio e a continuação do processo de cura que teve início com os encontros que Angelou teve com Mrs. Flowers.

Após um incidente com Bailey Jr. — que teve que ajudar a recuperar os órgãos genitais de um negro que havia sido linchado —, sua avó decide que a violência está se aproximando de seus netos e decide levá-los para viver com a mãe. Em São Francisco, ela tem a sensação de, pela primeira vez, pertencer a algum lugar. Logo, a frase que ela sempre levava consigo “I didn’t come to stay” não fará mais parte dela.

Vários foram os eventos que mostraram a Angelou seu potencial para transpor barreiras. Destacamos como ponto significativo em sua trajetória a determinação em

conseguir um emprego. Ela decide que será condutora de bondes em São Francisco, apesar da empresa de bondes não contratar condutores negros. Ela recebe o apoio de sua mãe que lhe diz: “That’s what you want to do? Then nothing beats a trial but a failure. Give it everything you’ve got. I’ve told you many times, ‘Can’t Do is like Don’t Care’. Neither of them have a home”(ANGELOU, 1993, p. 265). Por semanas, Angelou vai ao escritório da companhia esperando ser contratada. E um dia, inesperadamente, a recepcionista a chama para preencher os devidos formulários. Ela acaba sendo a primeira mulher negra condutora de bondes em São Francisco.

Assim como sua avó, sua mãe, é outra das personagens que ajudam Angelou a ancorar sua personalidade e também aprender a se valorizar, saindo do antigo estágio de passividade para começar a pensar e agir por si, forjando e reforçando sua identidade, testando limites da gaiola que a aprisionam ao alçar pequenos vôos.

A obra termina com Maya Angelou dando à luz seu filho Guy Johnson aos dezesseis anos. Incerta quanto a saber criar e cuidar de seu filho, Angelou ainda depende de sua mãe para ajudá-la, mas esta lhe ensina uma lição, quando, numa certa noite, leva o recém-nascido de três meses de idade para dormir com Angelou, que protesta veementemente. No meio da noite, ela acorda com o chamado de sua mãe que lhe mostra seu bebê dormindo calmamente a seu lado e lhe diz: “See, you don’t have to think about doing the right thing. If you’re for the right think, then you do it without thinking” (ANGELOU, 1993, p. 289), mostrando que o ciclo de construção de sua identidade havia sido iniciado e que ela havia atingido o status de mulher e de mãe.

Considerações Finais

Escrever uma autobiografia é mais que ordenar fatos ocorridos num passado sobre um “Eu” que lá viveu: é dar sentido à própria experiência, tentando dar conta do

rumo que a vida do indivíduo seguiu e atribuir-lhe significado. No caso particular da escritora Maya Angelou, tal narrativa se propõe a explicitar a situação de humilhação e sujeição dos negros norte-americanos e, mais além, testemunhar a luta, resistência de uma “raça” frente à adversidade e registrar suas vitórias para servir de inspiração às gerações futuras.

Através da escrita autobiográfica vem a libertação e conseqüente a reflexão sobre a trajetória de vida do indivíduo e os rumos que sua vida tomou face às escolhas do passado. Desta intersecção de preconceito, ódio e tentativa de construção identitária, emerge a mulher afro-americana. Na singularização de sua escrita, a autobiografia negra feminina empresta sua voz individual àqueles que, de outra forma, jamais teriam seu clamor ouvido e sua história contada.

Por conseguinte, contar os fatos por aqueles que os vivenciaram confere a autobiografia um caráter testemunhal. Os negros, ao terem sua mordança retirada, olharam nos olhos de seus agressores, ergueram suas cabeças e suas vozes não num pedido de clemência ou piedade; ao contrário, exibiram ao mundo a situação vergonhosa e desumana que a escravidão e seus desdobramentos havia imposto a eles e seus descendentes.

Logo, a autobiografia negra cria uma ponte entre aqueles que estão num lugar de sujeição e a cultura dominante para que esses ouçam aqueles que foram relegados e humilhados; o clamor de sobreviventes se faz ouvir e conta a história não apenas de uma mulher, mas de toda uma “raça” que lutou, resistiu e sobreviveu para contar.

Referências Bibliográficas

ANGELOU, Maya. *I Know Why the Caged Bird Sings*. New York: Bantam Books, 1993[1970].

BHABHA, Homi K. "On Writing Rights". In: GIBNEY, Matthew (Editor). *Globalizing Rights: The Oxford Amnesty Lectures 1999 (Oxford Amnesty Lectures)*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BUTTERFIELD, Stephen. *Black Autobiography in America*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1974.

FELMAN, Shoshana. "Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar". In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 13-71.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla-consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

McPHERSON, Dolly A. *Order out of Chaos: The Autobiographical Works of Maya Angelou*. New York: Virago, 1998.

MOSTERN, Kenneth. *Autobiography and Black Identity Politics: Rationalization in Twentieth Century America*. UK & USA: Cambridge University Press, 1999.